

AS CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO CRÔNICA: O JORNALISMO OPINATIVO E A CRÔNICA DE WILSON MACHADO

Mara Regina Correia Rebouças (1); Kátia Regina Azevedo Patrocínio (4)

(Centro Universitário Estácio FIC, jornalistamarareboucas@gmail.com; Universidade de Fortaleza, katiap@unifor)

Resumo do artigo: O presente artigo resulta do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) para o bacharelado em Jornalismo, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). O ponto de partida para a produção da pesquisa foram as inquietações acadêmicas acerca das possibilidades e usos da crônica, enquanto jornalismo opinativo, para o meio radiofônico. A crônica Pimentinha de Cheiro do radialista Wilson Machado, veiculada na Ceará Rádio Clube, em Fortaleza, entre as décadas de 1950 e 1980 foi o objeto de estudo. Os textos das crônicas, curtos de no máximo uma página cada um, foram cedidos pelo radialista Wilson Machado do seu acervo pessoal e arquivados em meio digital, pela pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense (HMRC), da Universidade de Fortaleza. Os textos em estudo abordaram como temas a seca, episódios de comoção social, a evolução de Fortaleza nos esportes, o sensacionalismo dos meios de comunicação e a política eleitoral, além da participação no programa musical do próprio radialista, o Disque M para a Música, que estimulava a interatividade com o ouvinte fazendo uso do telefone. Para o presente trabalho foram delimitadas oito publicações correspondentes ao mês de janeiro de 1958. Ao abordar a crônica como um texto opinativo de viés jornalístico híbrido à produção literária, verificam-se características com base na pesquisa bibliográfica, levando em consideração as marcas da oralidade inerentes ao gênero e ao meio radiofônico. Com base na pesquisa bibliográfica verifica-se a aplicabilidade do texto reflexivo para o rádio e a ausência de elementos textuais que diferenciam a crônica jornalística da literária, fazendo-a reconhecida como produção híbrida ao Jornalismo, a Literatura e a História.

Palavras-chave: História, Memória, Jornalismo, Radiodifusão.

Introdução

A curiosidade em estudar a crônica de autoria do radialista Wilson Machado surgiu da participação da autora deste trabalho na pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense, da Universidade de Fortaleza. Intitulada Pimentinha de Cheiro, a crônica era redigida para ser lida diariamente na emissora Ceará Rádio Clube, em Fortaleza, no Ceará, entre as décadas de 1950 e 1980. O presente estudo tem como objetivo geral relacionar os elementos textuais caracterizadores do gênero crônica, enquanto jornalismo opinativo. Como objetivos específicos verificar a crônica Pimentinha de Cheiro como texto jornalístico e a inerência dele às características de oralidade, que viabilizaram a transmissão radiofônica da crônica.

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

Veiculada durante três décadas, ao longo da programação da emissora, Pimentinha de Cheiro ganhou a simpatia dos ouvintes, por conta do carisma do apresentador Wilson Machado e por tratar criticamente de temas do cotidiano. A crônica chamava atenção pelo texto e a locução do radialista. Liderou a audiência na emissora por meio de outro programa, Disque M para a Música, um dos primeiros a incentivar a participação do ouvinte fazendo uso do telefone.

Metodologia

Usamos como ponto de partida a pesquisa bibliográfica, visando identificar, na Crônica Pimentinha de Cheiro, as características do gênero crônica, relacionadas ao texto jornalístico e a oralidade radiofônica. De um universo de publicações, compreendidas entre os anos de 1950 e 1980, foram selecionados textos correspondentes ao mês de janeiro de 1958.

As crônicas, de no máximo uma página cada uma, foram cedidas pelo radialista Wilson Machado do seu acervo pessoal e arquivadas em meio digital, pela pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense, da Universidade de Fortaleza.

Este artigo analisa oito crônicas, as quais abordaram como temas a seca, o sensacionalismo dos meios de comunicação, a política eleitoral e a participação de ouvintes na programação da Ceará Rádio Clube.

A pesquisa bibliográfica recorreu a Salgado (2006), Melo (2003), Bulhões (2006) e Sá para abordar a proximidade entre o Jornalismo e a Literatura. A fundamentação teórica sobre os meios radiofônicos abrange Vigil (2006) e Lopez (2010) no intuito de refletir sobre o uso do gênero crônica na radiodifusão.

Resultados e Discussão

Convém relacionar as tentativas de classificação dos gêneros jornalísticos, tendo a crônica entre as subdivisões conceituais. Para Salgado (2006), ela “estabelece um liame explícito entre Jornalismo e Literatura, caracterizando-se como locus privilegiado onde é possível vislumbrar uma rede de relações entre as duas formas de expressão.” Ele reforça o entendimento de convergência também com a área de interesse da História.

O autor cubano Vigil (2006) explica que houve um tempo nos jornais em que tudo era crônica, mas o surgimento do telégrafo alterou radicalmente a estrutura da nota, que começa com a novidade, em lugar da ordem cronológica. Ele relata o gênero como pouco explorado no meio radiofônico, embora conforme Lopez (2010), o rádio seja um meio de comunicação fundamentalmente dialogal e oral, através de gêneros informativos e opinativos.

A verdade é que não se cultivava muito esse formato nas emissoras. Mais que isso, nem se sabe exatamente em que consiste. Tenho folheado muitos livros e manuais de radiodifusão nos quais nem sequer é mencionada, como se a crônica ficasse reservada aos jornais e as revistas, ou perdida na pré-história jornalística. (VIGIL, 2006)

Lopez (2010) observa que o imediatismo é uma característica central do rádio, de forma que por muito tempo predominou o uso do gênero informativo na programação das emissoras, embora Barbeiro apud Lopez (2010) afirme a tendência de uma gradual mutação. “A análise é o caminho. Análise e instantaneidade” (BARBEIRO, 2009), que devem conviver e se complementar, apresentando ao ouvinte uma perspectiva crítica e não defasada da informação”. (LOPEZ, 2006)

Garurevich apud Melo (2003), entende que a crônica existiu antes do jornalismo opinativo. “Quando a indústria da informação não havia alcançado ainda o vigor que lograria em meados do século passado, os próprios jornalistas davam às notícias a denominação de crônica, influenciados provavelmente pelo gênero histórico literário que tem o mesmo nome” (MELO, 2003). “O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia”. (MOISÉS apud SALGADO, 2003)

Uma crônica pode durar o mesmo tempo que uma nota ampliada. Também pode estender-se, desenvolvendo mais o como da informação. O específico, no entanto, não está na duração do relato, mas em sua construção interna, na sequência temporal dos fatos, contados do princípio para o fim, como aconteceram na realidade. (VIGIL, 2003).

Galvani apud Melo (2006) defende a existência de uma crônica puramente jornalística, a coluna. Sá (2008) lembra que o jornal e a crônica mantêm a sensibilidade do receptor desperta para que ele participe da “imensa aldeia global”, termo criado pelo pesquisador canadense Mc Luhan. “Assim, como disse McLuhan, as pessoas podem se comunicar como se estivessem numa aldeia, próximas umas às outras” (ARAÚJO E COSTA, 2009)

Sá (2008) alude ao texto “Unanimidade”, de Paulo Mendes Campos, para dizer que estamos simultaneamente em todos os lugares, através do rádio, da televisão, do telex, os quais se comportam como células nervosas “a transmitir-lhe impressões sob a forma de notícia”.

“Ainda cultivada nas pequenas emissoras das cidades do interior, a crônica permanece ligada à estrutura da crônica para o jornal, como texto escrito para ser lido, cuja emissão combina a entonação do locutor e os recursos de sonoplastia, criando ambientação especial para sensibilizar o ouvinte.” (MELO, 2003).

Para Melo (2003), a crônica é uma narrativa do cotidiano de difícil realização, seja ela literária ou jornalística e para ressaltar cita a declaração de Nabantino Ramos, que “com a sua experiência de editor de jornal diário em São Paulo, diz enfaticamente: ‘É, talvez, o mais difícil gênero do trabalho jornalístico, porque exige não apenas técnica, que se pode aprender, mas também arte que é dom. A crônica deve ser capaz, senão de comover o leitor, pelo menos de fazê-lo pensar, sentir, ao pôr em movimento algumas de suas emoções’.” (MELO, 2003)

Ferrareto (2000) divide os gêneros jornalísticos radiofônicos em informativo, como o relato do fato; interpretativo, para contextualizar o ouvinte dentro do acontecimento e opinativo, que “engloba um julgamento próprio (pessoal ou da empresa de radiodifusão a respeito do assunto. Interpretação e opinião incluem em certa medida, a inter-relação com outros fatos ou temas”. Entretanto, Ferrareto (2000) não aborda o gênero crônica, como observou Vigil (2006) sobre os manuais para o rádio, de um modo geral.

Albertos apud Marques de Melo (2003) se refere a origem latina do termo crônica, na França, Espanha e Itália, sem correspondentes precisos no jornalismo da Alemanha, Inglaterra ou Estados Unidos. “Na pesquisa que realizou sobre crônica latina, ele [Martinez Albertos] diz que esse gênero assume caráter tipicamente informativo, mesclado porém de elementos valorativos que revelam a percepção pessoal do redator.” (MELO, 2003)

Em Portugal, a crônica está bem mais próxima do entendimento conceitual brasileiro, explica Melo (2003). Letria e Goulão apud Melo (2003) esclarece que os fatos são apenas um pretexto para o autor da crônica. Para referir-se a evolução conceitual do gênero, Melo (2003) alerta para a diferença, acerca do termo, existente entre o jornalismo mundial e o brasileiro.

Ao tratar dos estudos brasileiros cita os critérios jornalísticos de Luiz Beltrão e Afrânio Coutinho levando em consideração a tipologia

literária; e de Massud Moisés que aborda a correspondência com os gêneros conto e poesia, além da análise de Antônio Cândido, sob o ponto de vista da estrutura narrativa.

Ainda quanto a evolução do gênero crônica e usos no Brasil é relevante ressaltar a contribuição de Paulo Barreto, o João do Rio, autor de clássicos jornalísticos como *A Alma Encantadora das Ruas* e *As Religiões do Rio*.

No tempo de Paulo Barreto (1881-1921), por exemplo era apenas uma seção quase que informativa, um rodapé onde eram publicados pequenos contos, pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa, tudo, enfim, que pudesse informar os leitores sobre os acontecimentos daquele dia ou daquela semana, recebendo o nome de folhetim. Acontece que Paulo Barreto percebeu que a modernização da cidade exigia uma mudança de comportamento daqueles que escreviam a sua história. Em vez de permanecer na redação à espera de um informe para ser transformado em reportagem, o famoso autor de *As Religiões do Rio* ia ao local dos fatos para melhor investigar e assim dar mais vida ao próprio texto. (SÁ, 2008)

Após relatar as principais classificações do texto jornalístico e de que forma a crônica está inserida, Melo (2003) defende a crônica como gênero opinativo do jornalismo, ao lado do editorial, do comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura e carta. Beltrão apud Melo (2003) subdivide os gêneros jornalísticos em informativo, interpretativo e opinativo, sendo a crônica pertencente ao último grupo.

Vigil (2003) ressalta a linguagem da crônica como historiada, descritiva e um pouco literária, de forma que os fatos são contados e não simplesmente expostos. Para Vivaldi apud Melo (2003), a crônica também é uma categoria jornalística, ao lado da reportagem.

O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o lado provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que o nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância. (SÁ, 2008)

Com base nas definições discutidas anteriormente, observamos que a crônica *Pimentinha de Cheiro*, objeto de estudo do presente artigo, constitui-se um texto opinativo, ao comentar o calor que castiga os transeuntes da cidade de

Fortaleza, no ano de 1958. O texto usa recursos narrativos quando estabelece uma cronologia de episódios e insere um personagem anônimo. “Estivemos ontem com um homem do alto sertão. Agricultor num município longínquo. Veio a Fortaleza tratar de negócios. E na palestra que manteve conosco, mostrou-se aflito, preocupado, alarmado mesmo com a total carência d’água, e a inexplicável falta de chuvas, quando já estamos a três de janeiro! (MACHADO, 1958)

Em outra crônica, o radialista comenta o viés sensacionalista dos meios de comunicação. Não cita um episódio específico, mas apresenta um ponto de vista de forma generalista sobre figuras públicas na mídia. Usa o modelo dialógico, presente na oralidade radiofônica, para estabelecer proximidade com o ouvinte. “O nosso povo muito mal orientado vai se deixando levar nessa onda de sensacionalismo e acaba realmente por chamar a atenção da nação inteira e muitas vezes também do mundo inteiro...Um jogador de futebol hoje em dia tem mais cartaz do que o mais sábio dos cientistas...”(MACHADO, 1958)

O programa de entretenimento, *Disque M para a Música*, apresentado através da Ceará Rádio Clube, pelo cronista Wilson Machado, é referido em várias crônicas. Em uma delas, repercute a visita de uma ouvinte adolescente que procura a emissora no intuito de homenagear uma amiga. “Era muito cedo ainda e aquela garota muito viva, muito simpática, já viera a rádio a procura do meu programa.... Desejava através de uma música de sua predileção, homenagear a pessoa amiga....” (MACHADO, 1958). Em outra refere-se a carta entregue por uma ouvinte criança “E já no final de sua cartinha, a meiga escrevente me faz um convite, quer que eu compareça a sua festinha de aniversário no próximo dia 28!... (MACHADO, 1958). Nas duas últimas citações verifica-se narrações de fatos cotidianos do próprio radialista, com viés de uma conversa informal com o ouvinte.

O cronista afirma travar, na crônica que escreve, uma “conversinha despretensiosa” sobre o desenvolvimento da cidade e do esporte. A reflexão acontece em duas crônicas de janeiro de 1958, de forma que em uma delas, afirma: “saímos de um campo de futebol de pelada...Saímos de um verdadeiro curral de bolas de meia...Podemos nos dizer assim para nos transformarmos hoje num próspero centro esportivo...”(MACHADO, 1958)

Cada crônica não passa de uma lauda, assumindo as características de um texto breve, em tom de conversa. Entre reticências e exclamações, Wilson Machado também narra acontecimentos inusitados, de comoção social. “Da semana passada para esta, dois acidentes de consequências fatais. No primeiro deles, uma geladeira explodiu matando uma jovem de 25 anos e sua empregada.... A explosão levou chamas impiedosas às duas, que tiveram morte horrível” (MACHADO, 1958)

Wilson Machado reflete criticamente sobre o contexto político eleitoral. “E a política é agora o prato de todo o dia....Infelizmente os nossos homens vão agora se entregar exclusivamente à politicagem...E o grande mal minha gente....o mal irreparável....(MACHADO, 1958).

O cronista também relata, em tom de desabafo junto aos ouvintes, os problemas sociais. Ressalta as campanhas de doação, em benefício dos mais carentes, realizadas em seu programa. “Não sabemos porque, talvez pela peculiaridade de nosso programa, mas o certo é que somos procurados diariamente por dezenas de pessoas, que nos pedem ajuda... “ (MACHADO, 1958)

O texto desenvolvido em primeira pessoa opina sobre os temas da atualidade sem obedecer ao critério de novidade exigido pelo texto informativo. Trata-se de produção opinativa, através da qual o radialista estabelece proximidade com o ouvinte. O estúdio da Ceará Rádio Clube recebia a visita diária de pessoas em dificuldades financeiras, as quais procuram a mediação do comunicador Wilson Machado, para que a caridade da sociedade se manifestasse em doações.

..... Com sinceridade minha gente, eu queria poder resolver todos os problemas dessa cidade que tenho no coração e de sua gente a que estimo em demasia e para quem desejo ardentemente todas as felicidades possíveis na terra.... Infelizmente porém, dispomos de muito pouco... quase nem o suficiente para as nossas próprias necessidades... Dá pena, uma pena incrível, de cortar o coração escutar diariamente as lamúrias dos que nos procuram, pobres infelizes, doentes de corpos uns, doentes de espírito outros, em busca de ajuda, de curativo às suas feridas, de ajuda de seus males de toda a natureza... (MACHADO, 1958)

Conclusões

A crônica guarda estreita relação com a oralidade, confirmando as considerações de Salgado (2006) quando se refere ao processo híbrido entre o

Jornalismo, a Literatura e a História. É reflexivo sobre o cotidiano, através de uma linguagem leve e abordagem jornalística opinativa. A crônica se aproxima da prosa literária, carregada de oralidade, como em uma conversa cotidiana.

É conveniente citar Sá (2008) quanto às considerações sobre a efemeridade do texto dirigido ao público-alvo dos jornais, para a leitura em pequenos intervalos do dia. É relevante considerar a característica paradoxal de texto atemporal, apesar da sobrevivência efêmera, como texto de jornal. As características se repetem no meio radiofônico, adicionadas à objetividade e a instantaneidade para alcançar o ouvinte.

Os textos em estudo abordaram temas do cotidiano, episódios de comoção social e situações amenas. Comentaram, refletiram e criticaram, sem preocupar-se com a novidade dos fatos, apesar da relação de atualidade.

A crônica de Wilson Machado reflete sobre temas de interesse social, a exemplo da seca do ano de 1958, comenta o desenvolvimento da cidade de Fortaleza nos esportes, desabafa sobre as desigualdades e critica o sensacionalismo da mídia, além de narrar a visita de ouvintes a emissora Ceará Rádio Clube, onde apresentava o programa Disque M para a Música e a crônica Pimentinha de Cheiro.

Constatou-se pontos de contato entre oralidade radiofônica e o jornalismo opinativo, visto que o texto do cronista dialoga com o ouvinte e comenta fatos do cotidiano.

A pesquisa bibliográfica, para o estudo da crônica Pimentinha de Cheiro, leva-nos a citar Barbero apud Lopez (2010) quanto a tendência do texto radiofônico voltado para a análise dos fatos cotidianos, inseridos nas notícias, embora a crônica radiofônica, comum entre as décadas de 1950 e 1970, ficou praticamente esquecida na programação atual, mais voltada para o entretenimento.

Para Salgado (2006) a crônica jornalística não apresenta elementos textuais que a diferencie da literária. “Seria mais simples e menos polêmico considerar a crônica um gênero híbrido, diante de uma dinâmica cuja versatilidade seria um traço marcante?”(Salgado, 2006).

A crônica Pimentinha de Cheiro é, portanto, um texto opinativo de viés jornalístico híbrido à produção literária. As características de oralidade, em tom dialogal presentes na crônica faz dela um texto radiofônico, praticável na atualidade pela capacidade de refletir criticamente sobre os acontecimentos, sem obedecer a critérios de novidade e sem prejuízo de conteúdo. Entretanto, é pouco explorada na programação das emissoras de rádio.

Referências Bibliográficas

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006. 216 p. .

COSTA FILHO, Ismar Capistrano. LIMA, Juliana Diógenes de Araújo. **O Conceito de Aldeia Global de Mc Luhan Aplicado ao Webjornalismo**. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1816-1.pdf>>. Acesso em 31 de agosto de 2017

MACHADO, Wilson. Programa Pimenta de Cheiro. Fortaleza: [s.n.].1958. Ceará Rádio Clube, 03/01/1958.

_____. Programa Pimenta de Cheiro. Fortaleza: [s.n.].1958. Ceará Rádio Clube, 05/01/1958.

_____. Programa Pimenta de Cheiro. Fortaleza: [s.n.].1958. Ceará Rádio Clube, 07/01/1958.

_____. Programa Pimenta de Cheiro. Fortaleza: [s.n.].1958. Ceará Rádio Clube, 08/01/1958.

_____. Programa Pimenta de Cheiro. Fortaleza: [s.n.].1958. Ceará Rádio Clube, 13/01/1958.

_____. Programa Pimenta de Cheiro. Fortaleza: [s.n.].1958. Ceará Rádio Clube, 14/01/1958.

_____. Programa Pimenta de Cheiro. Fortaleza: [s.n.].1958. Ceará Rádio Clube, 15/01/1958.

_____. Programa Pimenta de Cheiro. Fortaleza: [s.n.].1958. Ceará Rádio Clube, 03/01/1958.

MELO, José Marques. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Mantiqueira, 2003. 238p

SALGADO, Ronaldo. **A crônica reporteira de João do Rio**. Fortaleza: Edições Leo, 2006. 192p.

VIGIL, Jose Ignacio Lopez. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. Editora: Paulinas, São Paulo, 2003, 518p